

A EVOLUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO JUDÔ: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Orozimbo Cordeiro Júnior*
Marcelo Guina Ferreira**
Anegleyce T. Rodrigues**

RESUMO. Neste ensaio, procuramos apresentar a evolução histórico-sócial do judô produzida no âmbito do projeto de pesquisa **Metodologia do Ensino do Judô sob a Ótica Crítico-Superadora**. Esta pesquisa teve por objetivo elaborar uma proposta de sistematização do judô como elemento da cultura corporal e conhecimento escolar de educação física. Para tanto, propusemos, de forma inicial e introdutória, algumas referências de objetivos, conteúdos, ensino e avaliação. Neste ensaio, apresentamos parte desta proposta de metodologia do ensino como material didático auxiliar para os/as professores/as.

Palavras-chave: judô, metodologia de ensino, educação física.

SOCIOHISTORICAL EVOLUTION OF JUDO: INTRODUCTORY APPROACHES

ABSTRACT. The sociohistorical evolution of judo provided by the research project Methodology for teaching judo from the critical-excelling stance is discussed in this article. The aim of the project was to establish a plan for systematizing judo as body culture constituent and scholastic knowledge of physical education. The ancillary pedagogical material is constituted by an introduction, objectives, contents, teaching methodology and evaluation system.

Key words: judo, teaching methodology, physical education.

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 1998, realizamos um projeto de pesquisa intitulado **Metodologia do Ensino da Educação Física sob a Ótica Crítico-Superadora: o Judô como elemento da cultura corporal**¹, tendo apoio financeiro da Pró-Reitoria de Graduação que forneceu uma bolsa de iniciação científica para licenciaturas, envolvendo a Faculdade de Educação Física (UFG) e o Colégio Estadual Waldemar Mundim – situado na comunidade do Itatiaia, onde se

situa a UFG. O objetivo principal do projeto era elaborar uma proposta de metodologia de educação física tendo o judô como conteúdo, capaz de superar os atuais arranjos do ensino do mesmo, por entender que “o judô foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico” (Bracht *et al.*, 1992:76). Além disso, ao considerarmos também o confronto de perspectivas nas aulas de educação física, entre os **paradigmas** da aptidão física e da cultura corporal, procuramos

* Acadêmico da Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás.

** Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás.

Endereço para correspondência: Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física (FEF). Câmpus II. CEP: 740001-970. Goiânia – GO. Fax: (0XX62) 821-1185.

¹ Trata-se de uma pesquisa teórica, segundo Demo (1989).

desenvolver uma proposta orientada por esta segunda referência teórico-metodológica.

Fundamentalmente, procuramos indicar uma dentre muitas possibilidades de **trato com o conhecimento judô**², a partir de um **projeto político-pedagógico**³ que entende a escola pública brasileira como um dos espaços sociais mais importantes à construção da hegemonia das classes populares (Libâneo, 1984). Fruto desta pesquisa e do objetivo de apontar uma proposta inicial (aberta e em construção) do judô como conhecimento escolar da educação física, elaboramos um documento didático-pedagógico (em forma de apostilamento) sobre a evolução sócio-histórica do judô – **até onde nos foi possível reunir e organizar material bibliográfico e demais fontes para tanto**⁴ – como forma de nos auxiliar na tarefa de: a) sistematizar o conteúdo de ensino; b) auxiliar a ação docente como mediadora entre o aluno (sujeito) e o conteúdo (objeto). Por fim, acreditamos que este documento pode ainda ajudar, no futuro, em cursos de capacitação docente como material didático complementar.

Tivemos a intenção de proporcionar aos alunos uma compreensão básica acerca de alguns dos aspectos históricos e sociológicos básicos da construção do judô como elemento da cultura corporal humana. Consideramos também que o judô, sobretudo a partir da chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil, e conseqüente contato da cultura deles com a nossa, passou a constituir a cultura corporal brasileira.

Com efeito, procuramos retrair o judô desde as suas origens, abordando os fatores sociais, políticos e econômicos que determinaram seu desenvolvimento histórico até nossos dias. Um exemplo disso é sua transformação de prática corporal – **luta** – típica da cultura nipônica, em esporte-espetáculo, manifestação característica da cultura capitalista ocidental. Também não esquecemos sua chegada ao Brasil e, infelizmente, a falta de dados nos impediu de falar sobre sua chegada em Goiás, especificamente. Finalmente, foi nossa intenção não perder de vista a relação entre o judô e a prática social global de nossa sociedade, isto é,

as relações que o judô mantém com a educação, com a saúde, com o lazer, com o trabalho, com a economia etc.

Como sabemos, a **historicização dos conteúdos** de ensino é uma característica da proposta crítico-superadora (Bracht *et al.*, 1989). Nesta, **o método de ensino é, por assim dizer, o movimento de um conteúdo na história** (Escobar, 1997). Portanto, ensinar judô nesta perspectiva, exige captar o seu **movimento na história**, o que quer dizer que não basta o aluno ter domínio sobre as técnicas e os fundamentos dessa luta desprendidos, descolados de seu movimento histórico (*ibid.*). Quando o currículo de educação física ensina as técnicas do judô como algo com valor **em si mesmo**, evidentemente contribui para o desenvolvimento nos alunos de uma consciência do mundo que os cerca como algo que tem **valor em si mesmo**, ou seja, dentro dos princípios da **lógica formal** (Lefebvre, 1983; Vázquez, 1968; Cheputlin, 1982), pois perceberão o judô (e realidade social também, quem sabe?!) como algo **estático** e, além disso, por não entenderem que ele nem sempre foi como é hoje para nós e, logo, pode não ser necessariamente assim para os seres humanos de amanhã, também poderão perceber a realidade social como algo pronto e acabado. Por outro lado, essa é uma visão do conhecimento marcado pela **terminalidade** do mesmo. O judô é visto ainda como algo **neutro** diante dos conflitos sociopolíticos. E, por fim, esta concepção educacional ensina o judô numa perspectiva **linear**, como uma seqüência que simplesmente vai da adaptação ao *dojô* até as projeções mais complexas.

Porém, tratando o conhecimento sobre o judô na perspectiva crítico-superadora, adotamos os princípios da **lógica dialética** (Lefebvre, 1983; Vázquez, 1968; Cheputlin, 1982). Assim, confrontamos a visão estática do judô à medida em que o ensinamos como algo **dinâmico**, que se origina, desenvolve-se e prossegue num processo histórico do qual também somos sujeitos ativos. Confrontamos também a concepção do conhecimento como algo marcado pela terminalidade, pois o judô, não sendo ensinado como algo com **valor em si mesmo**, pronto e acabado, mas como algo que veio sendo construído culturalmente e assim permanece até nossos dias, explicita uma teoria

² Ver Bracht *et al.* (1992).

³ *Idem.*

⁴ Ver notas bibliográficas.

do conhecimento que o entende como algo sempre **provisório**. Da mesma forma, na lógica dialética, o saber nunca é neutro, e por isto mesmo o judô é enfocado com referências às contradições e aos interesses antagônicos de classe social que caracterizam o modo de produção capitalista, com vistas a superá-lo. Assim, optamos por um **saber comprometido politicamente com a emancipação humana**. Além disso, o judô, nesta visão, não é percebido pelos alunos como algo linear, mas sim como algo complexo e contraditório, que não se resume a uma sucessão de golpes, de chaves e de imobilizações. Ele, como todo saber escolar, relaciona-se com a prática social global de nossa sociedade (Saviani, 1994), sendo um fenômeno de múltiplas relações. Sem apreender estas, o aluno apreende somente uma de suas dimensões, normalmente a dimensão técnico-competitiva. Enfim, percebê-lo como resultado de múltiplas determinações caracteriza uma visão de **totalidade** (Kosik, 1994) do conteúdo judô.

Com efeito, aliando a **historicização dos conteúdos** e suas **relações com a prática social**, esperamos contribuir para que o aluno desenvolva uma visão de mundo na qual perceba a sua realidade como algo dinâmico e mutável, provisório, resultado de um longo processo de construção histórica em que se confrontam interesses de classe social antagônicos, e que por isso mesmo ele jamais pode permanecer neutro diante desta mesma realidade. Ao contrário, deve assumir seu papel de sujeito na história de seu tempo, defendendo os interesse da classe que vive do trabalho.

ORIGENS DO JUDÔ

Pontos essenciais a serem trabalhados com aos alunos:

- . Isolamento geográfico do Japão
 - não possuíam bom desenvolvimento tecnológico: armas, materiais etc.
- . Latifúndio
 - a formação pelos grandes proprietários (Daymos) de terra de **guardas particulares** (samurais);
 - conflito entre estes grandes proprietários no período *Shogun* (época feudal japonesa).

. O *jiu jitsu*

- parte da formação dos samurais;
- bastante difundido entre os camponeses por que não necessitava maiores implementos como a espada, por exemplo, cujo custo econômico e por ser símbolo de poder estava restrita aos samurais. No *jiu jitsu*, basta o uso do corpo, luta de golpes contundentes e de morte;
- **fundamentos do *jiu jitsu*** que mais tarde foram incorporados ao judô (embora sob outra ótica, como veremos): ser uma luta corporal, apreensão do adversário com o uso de braços e de pernas (*ne waza*), chaves (*kansetsu waza*), torções e estrangulamentos (*shime waza*).

Comentários Auxiliares

Toda prática corporal (como o *jiu jitsu*) surge a partir de determinadas necessidades sociais enfrentadas pelos seres humanos, em função de um dado contexto histórico específico e de seus fatores econômicos, políticos, culturais etc. Logo, o aluno deve ser levado a entender a origem do judô a partir do *jiu jitsu*, não como algo que nasceu por **geração espontânea**, ou que simplesmente brotou da **cabeça** de Jigoro Kano. Aí já vai embutida uma certa visão de história, **idealista**, porque nela o judô resulta das idéias e da vontade de um único homem⁵.

Numa concepção **materialista** da história, o judô deve ser ensinado como algo que resulta de um processo histórico específico, fruto de circunstâncias específicas, resultado e síntese de múltiplas determinações, como aquelas que apontamos acima.

O aluno precisa entender que, num contexto histórico feudal, marcado pela tirania dos latifúndios, a luta entre camponeses e samurais ou entre estes (quando defendiam senhores de terras diferentes) envolvia golpes de morte. Os camponeses, por exemplo, necessitavam defender-se de um samurai armado de espada; logo, foi preciso que eles desenvolvessem uma prática corporal – no caso o *jiu jitsu* – coletiva (já que eles atacavam os samurais em grupo) que lhes permitisse abordá-lo (com apreensão de braços e/ou de pernas) e rapidamente derrubá-lo,

⁵ Sobre concepção materialista e idealista da história, ver Marx e Engels (1987).

e então aplicar nele chaves, torções etc. com a intenção de matá-lo com golpes contundentes. É fundamental, neste contexto, que o aluno tenha experiências práticas com os fundamentos básicos do *jiu-jitsu* **adaptados** à realidade escolar. Na verdade, aí já se inicia o **movimento histórico** do que será mais tarde o conteúdo judô.

SURGE O JUDÔ

Pontos essenciais a serem trabalhados com os alunos:

- . A urbanização do Japão
 - surgem grandes cidades (Nagasaki, Hiroshima, Osaka.) com presença do Estado, da Polícia, do Sistema Judiciário etc.
- . Jigoro Kano
 - homem que marcou seu tempo e grande precursor do judô.

Comentários auxiliares

Nesse outro contexto histórico, o Japão inicia sua modernização e urbanização com a emergência do capitalismo. Seus contatos com outros povos e países cresce e, sobretudo, com a superação do sistema feudal e da era dos Samurais, perde sentido a necessidade de uma luta com golpes de morte. Além disso, a modernidade trouxe consigo as leis, a justiça, a polícia, enfim, uma nova necessidade histórica para o povo japonês: o convívio urbano. A partir de uma nova necessidade social, surge também uma nova prática corporal: o judô. Seu precursor, Jigoro Kano, pensou numa luta que mantivesse as tradições culturais japonesas, mas que se adequasse aos novos tempos, nos quais não fazia mais sentido lutar até a morte.

PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS DO JUDÔ

- . Quedas e rolamentos;
- . Equilíbrio x desequilíbrio;
- . Projeções;
- . Imobilizações;
- . Comentários auxiliares.

É nesse contexto histórico específico que começa a fazer sentido o aprendizado do judô e de seus fundamentos. As condições objetivas da sociedade japonesa possibilitaram o surgimento desta nova prática corporal que, a partir das concepções de Jigoro Kano começa a delinear-se como uma luta com as características mencionados no item II e cujos fundamentos essenciais são as projeções, o jogo entre desequilíbrio x equilíbrio, as imobilizações, as quedas e os rolamentos.

Assim, mesmo o ensino das técnicas e dos fundamentos do judô não ocorre de forma isolada e estática, mas sim dentro de um contexto sociocultural que lhe dá sentido e significado histórico. Portanto, as técnicas do judô também possuem sua origem, sua gênese. O ensino deixa de ser alienante, pois o aluno, além de **fazer**, sabe porque está fazendo. Sabe, também por exemplo, que as quedas e os rolamentos possuem um significado histórico, qual seja: eliminar as contusões traumáticas e contundentes do antigo *jiu jitsu* que visava à morte do oponente. Assim, ser projetado ou projetar sem que ninguém saia machucado é parte integrante da luta do judô, que, portanto, só pode ser bem praticada quando aprendemos corretamente como defender nosso corpo e o dos outros praticantes, através da correta execução de quedas e de rolamentos, enquanto formas de amortecer o impacto de nosso corpo no *Dojô*. Para isso, inclusive, torna-se necessário o aprendizado de aspectos anatômicos e biomecânicos destas técnicas, que explicam o **porquê** do amortecimento (diminuição de impacto...), a importância da contração da musculatura que envolve o gradil costal (especialmente o grande dorsal) (Dângelo e Fattini, 1998).

E O JUDÔ VIRA ESPORTE-ESPETÁCULO

Pontos essenciais a serem trabalhados com os alunos:

- . Maior contato da cultura japonesa com a cultura ocidental
 - imigração de japoneses;
 - as características do esporte-espetáculo (selecionar mais aptos, aptidão física,

treinamento exaustivo, busca de rendimento, só interessa a vitória, *dopping*)

- Olimpíada em Tóquio (1964);
- Guerra-Fria e uso político-ideológico do judô.

. Processo de treinamento desportivo no judô

- visitar uma academia/clube onde ocorra treinamento competitivo de judô;
- experimentar aspectos básicos de uma sessão de treinamento desportivo de judô;
- conhecer as regras oficiais básicas internacionais do judô;
- organizar um torneio de judô que simule a realidade de uma competição internacional deste esporte e, ao final, refletir sobre o mesmo com auxílio do professor.

Comentários auxiliares

O esporte-espetáculo é um produto típico da cultura ocidental. Ele é fruto da modernidade capitalista e da sua busca pelo lucro, pelo rendimento industrial e tecnológico, sua ânsia pela dominação da natureza (via ciência) e pelo domínio político como alicerce da exploração econômica. Resulta também de uma secularização da vida social; afinal, os antigos jogos e as festividades medievais, por exemplo, celebravam as colheitas, as festas religiosas e outros. O esporte, no entanto, elimina essas características religiosas e rurais, tornando-se um protótipo da vida urbana e sem vínculos religiosos (Betti, 1991; Tubino, 1992; Bracht, 1997).

Essas características foram pouco a pouco incorporadas pelo judô, à medida em que ele, e a cultura japonesa em grande parte, ocidentalizava-se. De prática corporal que no Japão liga-se às mais profundas raízes da cultura de seu povo, passou a esporte de alto rendimento, entrando para as olimpíadas, sendo assim universalizado. Com isso, o judô veio enriquecer a cultura corporal de vários outros povos do mundo. Além disso, como espetáculo esportivo passou a ser parte da programação da televisão, ganhou espaço nos jornais e nas revistas esportivas, produziu ídolos como Valter Carmona, Aurélio Miguel e, enfim, chegou a países cujo universo cultural é muito diferente do Japão, como é o caso da Alemanha e do Canadá.

O judô entrou para a Olimpíada pela primeira vez em Tóquio, em 1964. Infelizmente, a escassez de pesquisa e de produção de

conhecimento a esse respeito, no âmbito da educação física brasileira, não nos permite uma análise mais aprofundada dos motivos que levaram a tal desfecho. Contudo, há alguma consistência nos argumentos que apresentamos acima e, entre outros motivos, baseando-nos na própria história do esporte em geral (Betti, *id.*; Tubino, *id.*; Bracht, *id.*), podemos cogitar a possibilidade de uso político-ideológico do Judô como esporte. O fato é que, tendo se tornado esporte de rendimento, o judô incorpora os processos de seleção e de especialização de atletas, o treinamento desportivo exaustivo, o *dopping*. E, assim, seu sentido histórico-cultural original é deixado de lado em muitos países ocidentais que, desde então, passaram a preocupar-se exclusivamente com os aspectos técnicos e de rendimento atlético do judô. O único interesse no judô passou a ser as medalhas olímpicas e não o conhecimento de suas raízes na cultura nipônica; a obrigação de vencer a todo custo e não o prazer de lutar judô⁶. Virou trabalho de atletas e de dirigentes **amadores** e profissionais.

É importante, neste contexto ainda, possibilitar ao aluno experimentar os **bastidores** do judô como esporte-espetáculo. Isto é, como os atletas de judô se preparam para uma competição, como é seu processo de treinamento desportivo, por exemplo? O que eles sentem ao participar de um torneio na escola que simule uma competição oficial com pesagem, divisão por categorias, por faixas, por sexo etc.

JUDÔ E SUAS MÚLTIPLAS RELAÇÕES EM NOSSA SOCIEDADE⁷

Educação

- as escolas no Brasil ensinam judô? Sim ou não e por quê? O que nossos avós, pais, amigos e parentes sabem sobre judô?
- que importância pode ter o ensino do judô num país como o Brasil?

⁶ Sobre os interesses no ensino dos esportes, ver Kunz (1994).

⁷ Todos os tópicos a seguir são apenas exemplos/sugestões que podem ser alteradas, ampliadas, recusadas etc.

Lazer

- prática do judô, assistir a lutas, a filmes e a vídeos, ler livros sobre judô etc;
- o local onde moramos e a nossa cidade em geral oferece oportunidades de lazer com o judô?

Saúde

- judô como uma opção de prática regular de atividade física;
- as condições econômicas e sociais para que isso ocorra.

Meios de comunicação

- judô na programação esportiva da televisão e do rádio;
- nos jornais e nas revistas esportivas.

Comércio

- quais são os acessórios e os equipamentos mais usados no judô e como eles são vendidos nas lojas de material esportivo?
- quem são os consumidores de material esportivo de judô? Qual o poder aquisitivo deles?
- equipamentos e materiais para a prática do judô, a realidade da escola e sua comunidade e a busca de soluções.

Gênero

- o judô é para homens ou para mulheres ou para ambos?
- o judô como defesa pessoal para mulheres.

Comentários auxiliares

Com relação à educação, os alunos podem fazer perguntas, entrevistas etc. com seus pais, avós, amigos de bairro, irmãos mais velhos, parentes e também trocar correspondência com colegas de outras escolas, para saber o que eles conhecem sobre o judô e como obtiveram este conhecimento, o que não conhecem, o que gostariam de conhecer sobre esta luta e se já o praticaram. Um dos objetivos principais aqui é levar as crianças a pensarem sobre o papel da educação em nossa sociedade, especialmente através da escola. Será que nossas escolas têm o

costume de ensinar coisas sobre o judô? Por que sim ou por que não? Como ensinam? Quantas coisas interessantes e relevantes sobre o judô elas podem ensinar? O que nossos pais, avós, amigos e parentes sabem ou não sobre o judô?

Com relação ao lazer⁸, podemos indagar aos alunos se, quando temos algum tempo disponível, entre as nossas opções de lazer, incluímos o judô de alguma maneira? Por exemplo, praticando-o com amigos, assistindo a um filme na TV, no cinema ou no vídeo sobre judô? Você já leu ou se interessa por ler um livro sobre o judô ou a cultura japonesa? Na cidade e no Bairro onde os alunos moram existe oportunidade de lazer com o judô? Se não existe, como conseguiu-la e como ampliar as já existentes?

Em relação à promoção da saúde⁹, devemos saber se os alunos desenvolveram o **gosto** pela exercitação física regular (pelo menos 3 vezes por semana) e se podem e querem usar o judô como uma opção (conhecê-lo, gostar dele e poder usufruí-lo). Nesse sentido, eles precisam saber como o judô pode auxiliá-los na melhora do condicionamento cardiorespiratório, na força e na resistência muscular, no combate ao *stress* etc.

Como o esporte-espetáculo possui uma enorme incidência nos meios de comunicação de massa (rádio e televisão), a presença do judô também pode ser captada no rádio e na TV. Os alunos podem fazer pesquisas sobre esta presença do judô na programação esportiva de rádio e de TV, comparando-o, por exemplo, com os outros esportes e discutindo criticamente os seus achados com auxílio do professor. O professor pode, ainda, gravar trechos de documentários, de programas e de transmissões esportivas e usá-las como meio auxiliares de ensino, debatendo, a partir deles, questões como as técnicas do judô vistas a partir da TV, aspectos econômicos e políticos do mesmo, o que pensam os atletas de judô como cidadãos¹⁰.

Quanto ao comércio, é preciso discutir com os alunos como ocorre a compra e a venda de produtos e de material esportivo para o judô,

⁸ Ver mais sobre lazer em MARCELINO, Nelson. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1990.

⁹ Sobre o referencial da promoção da saúde, ver Guedes e Guedes (1994).

¹⁰ Ver mais sobre esta questão em Betti (1998).

através de pesquisas no comércio da cidade onde mora, realizações de visitas à federação e outros meios. Este tópico pode servir a uma reflexão crítica sobre os verdadeiros objetivos deste comércio: promover o judô ou ganhar dinheiro? Com todo este comércio, aumenta o número de praticantes de judô ou aumenta somente o lucro dos empresários? Como as pessoas que lutam judô fazem para obter os equipamentos e os acessórios necessários para sua prática? A renda familiar dos alunos permite a eles ter amplo acesso a esses equipamentos? Quais as alternativas?

A CHEGADA DO JUDÔ AO BRASIL

- . A necessidade de mão de obra especializada vinda do estrangeiro;
- . O judô como forma de matar a saudade da terra natal;
- . O desemprego e o surgimento das primeiras academias de judô no Brasil;
- . Comentários auxiliares.

Durante as décadas de 20 e de 30, o Brasil iniciou seu processo de modernização. O país começava a superar um passado marcado pelo trabalho escravo, pelo período colonial e, depois, pelo império, com a maior parte da população vivendo no meio rural e com a economia baseada na agricultura. O país começava a industrializar-se e a adquirir vida urbana. Iniciava-se a construção histórica do modo de produção capitalista entre nós. Nesse contexto, predominava a noção de que os escravos, recém-libertos, não eram a melhor mão-de-obra necessária para o desenvolvimento do país. Nessa ótica, seria preciso buscar mão-de-obra especializada no exterior, em países como a Itália, a Alemanha e o Japão, por exemplo.

É assim, com a chegada de imigrantes japoneses, que o judô chega junto com eles ao Brasil. No início, o judô era uma forma de matar as saudades da terra natal, isto é, uma maneira de os japoneses manterem suas tradições e sua identidade cultural. Posteriormente, quando alguns desses imigrantes, já cidadãos e trabalhadores brasileiros, ficam desempregados, sem fonte de renda e sem poder sustentar suas

famílias, surgem as primeiras academias de judô no Brasil. Elas surgem como uma forma encontrada pelos imigrantes de ensinar algo que eles conheciam profundamente, o judô, fazendo disso um meio de sustento para suas vidas. Com isso, muitos brasileiros também começam a aprender o judô, sem falar dos filhos dos imigrantes japoneses, nascidos no Brasil, que também ajudaram a difundir esta luta entre nós.

FINALIZANDO... UMA PROPOSTA EM ABERTO

Vários pontos ainda permanecem obscuros ou mal iluminados no tocante ao judô como conteúdo para aulas de educação física. Um deles é a própria chegada do judô ao Brasil. Faltam mais elementos que permitam aprofundar esse tópico. As pesquisas em história da educação física e dos esportes têm dado, até então, pouca atenção à sistematização dos conteúdos de ensino (não apenas o judô). Com relação ao início da participação da mulher no judô, encontramos somente uma monografia de final de curso, produzida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, trata-se do estudo de Silva (1994). Mais uma vez a fonte é insuficiente, são necessários mais estudos a esse respeito. Sobre a esportivização do judô, não encontramos nenhuma fonte específica, o que nos fez recorrer à história geral do esporte. Enfim, há material bibliográfico sobre o judô que pode nos auxiliar em nosso intuito, porém ele encontra-se disperso e é fragmentário, ou ainda integral, muitas vezes, o arquivo pessoal de aficionados ou de ex-judocas. Temos clareza de que nossa tarefa apenas começou que se trata de uma tarefa que merece ser perseguida.

Outro exemplo disso é o tópico sobre a história do judô em Goiás. Ora, como podem nossas escolas não ensinar isso a seus alunos? Novamente as fontes, os documentos e as bibliografias tornam-se escassas. No entanto, restou-nos o recurso da pesquisa historiográfica, já que o *sansei* Lhofei Shiozawa (que esteve presente pela seleção brasileira de Judô na olimpíada de Tóquio) mora em Goiânia há muitos anos e é **história viva** do judô brasileiro e goiano. Lançando mão de técnicas de história oral, podemos construir, por exemplo, uma biografia desse judoca veterano, que certamente

iluminará aspectos importantes da história do judô em Goiás, ajudando-nos nesta tarefa entre outras.

Portanto, este é um trabalho em construção e representa apenas uma sistematização inicial e introdutória ao conteúdo judô nas aulas de educação física. O aprofundamento desta investigação depende da continuidade do trabalho de pesquisa bibliográfica e, sobretudo, da produção de conhecimento novo, capaz de iluminar aspectos ainda obscuros deste conteúdo (e eles não são poucos, como vimos), seguida de posteriores sistematizações que possam, pouco a pouco, no diálogo com a prática, enriquecer e ampliar esta nossa proposta inicial, principalmente no que diz respeito aos possíveis erros aqui contidos.

A sistematização do conteúdo judô nas aulas de educação física nunca será um **estado** final ao qual poderemos chegar, ela será muito mais um processo permanente de construção de uma dada proposta pedagógica. E, por pensar assim, acreditamos que nossa caminhada nesta longa jornada já começou. Agora nossa intenção é tornar esta viagem do conhecimento algo cada vez mais consistente. Como se costuma dizer, **a sorte foi lançada**, quer dizer, nossa proposta inicial de sistematização do conteúdo judô nas aulas de educação física está aí. E que o **jogo** continue, ou melhor, que esta **luta** nunca pare.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Esta é a bibliografia específica de judô consultada para a realização da pesquisa, em particular para a confecção do material didático de apoio acadêmico.

- BAPTISTA, R. de Lara. **A Utilização do judô no desenvolvimento psicomotor das crianças entre 5 e 8 anos**. Rio de Janeiro: Uerj, 1995. (Memórias de Licenciatura).
- BORTOLE, C. **Ippon – Jornal de judô**. 1(4): agosto de 1996a.
- BRASIL, I. de Almeida. **Conceitos da biomecânica aplicados ao ensino-aprendizado do judô**. Rio de Janeiro: Uerj, 1994. Memórias de Licenciatura.
- CALLEJA, C. C. **Judô – Caderno Técnico Didático – MEC**. Secretaria de Educação Física e Desportos, s.d.
- CARVALHO, Máuri. **Judô: crítica radical**. In: **Revista Motrivivência**. 1(2):35-43, 1989.

- IPPON – **Jornal de judô. Série grandes formadores: mantendo a tradição**, 1(3):16-17, 1997.
- KUDO, K. **O Judô em ação**. São Paulo: Sol S. A., 1972.
- MENEZES, E.T. **Judô em formação**. Ippon – **Jornal de Judô**, 1(7):12, 1996.
- SILVA, Gisele P. da. **A mulher no judô: preconceitos, estereótipos e discriminações**. Rio de Janeiro: Uerj, 1994. (Memórias de Licenciatura).
- VIRGÍLIO, S. **A arte do judô**. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. **A arte do judô: golpes extra gokiô**. POA: Rígel, 1990.
- WANDERLEY, Paulo F. Tenório. **Introdução do judô no Brasil: uma análise sob a ótica da transferência cultural**. Rio de Janeiro: Uerj, 1995. (Memória de Licenciatura).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, Michael. **Educação e textos: economia política das relações de classe, raça e gênero na escola**. POA: Artes Médicas, 1995.
- _____. **Ideologia e poder**. POA: Artes Médicas, 1989.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- _____. BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.
- BRACHT, Valter et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortês/Autores Associados, 1992.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: Ufes/CEFD, 1997.
- CHEPUTLIN, A. **A dialética materialista: categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.
- DÂNGELO, J. G. e FATTINI, C. A. **Anatomia humana sistêmica e segmentar**. São Paulo: Atheneu, 1998.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1989.
- ESCOBAR, M. Ortega. **Transformação da didática – construção da teoria pedagógica como categorias da prática pedagógica: experiência na disciplina escolar educação física**. Campinas: Unicamp, 1997. (Tese de Doutorado).
- FREITAS, Luis C. de. **Crítica à organização do trabalho pedagógico**. Campinas: Papyrus, 1995.
- GUEDES, D. Pinto e GUEDES, J. Pinto. Sugestões de conteúdo programático para programas de educação física escolar direcionados à promoção da saúde. In: **Revista da Apef**. Londrina, 9 (16): 3-14, 1994.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1984.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, São Paulo: Hucitec, 1987.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Autores Associados, 1994.

TUBINO, M. J. Gomes. **As dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

VÁSQUEZ, A.S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
